

Havia um silêncio, sepulcral
sobre dezoito mil hectares roubados
dos povos tupi-guarani
sobre dez mil famílias quilombolas
expulsas de seus territórios
sobre milhões de litros de herbicidas
derramados nas plantações

Havia um silêncio promíscuo
sobre o cloro utilizado
no branqueamento do papel
a produzir toxinas cancerígenas que agriem
plantas, bichos e gentes
sobre o desaparecimento
de mais de quatrocentas espécies de aves
e quarenta de mamíferos
do norte do Espírito Santo

Havia um silêncio intransponível
sobre a natureza de uma planta
que consome trinta litros de água-dia
e não dá flores nem sementes
sobre uma plantação que produzia bilhões
e mais bilhões de dólares
para apenas meia dúzia de senhores

Havia um silêncio espesso
sobre milhares de hectares acumulados
no Espírito Santo, Minas, Bahia
e Rio Grande do Sul

Havia um silêncio cúmplice
sobre a destruição da Mata Atlântica e dos pampas
pelo cultivo homogêneo de uma só árvore:
o eucalipto.

Havia um silêncio denso...
sobre a volúpia do lucro
Sim, havia um silêncio global
sobre os capitais suecos
sobre as empresas norueguesas
sobre a grande banca nacional
Por fim
havia um imenso deserto verde
em concerto com o silêncio.

II

De repente
milhares de mulheres se juntaram
e destruíram mudas
a opressão e a mentira
As mudas gritaram
de repente
e não mais que de repente
o riso da burguesia fez-se espanto
tornou-se esgar, desconcerto.

III

A ordem levantou-se incrédula
clamando progresso e ciência
imprecando em termos chulos
obscenidades e calão
Jornais, rádios, revistas,
a internet e a TV,

As mudas romperam o silêncio.

as empresas anunciantes
executivos bem-falantes
assessores rastejantes
técnicos bem-pensantes
os governos vacilantes
a direita vociferante
e todos os extremistas de centro
fizeram coro, eco,
comício e declarações
defendendo o capital:
"Elas não podem romper o silêncio!"
E clamaram por degola!

IV

De repente
não mais que de repente
milhares de mulheres
destruíram o silêncio

Naquele dia
nas terras ditas da Aracruz
as mulheres da Via Campesina
foram o nosso gesto
foram a nossa fala.

(Manifesto dos homens
em solidariedade às camponesas
Da Via Campesina)

17 abril de 2006 - Dia Internacional da Luta Camponesa

Palavras, mentiras e práticas.

Washington Guedes

Prof.º substituto de Prática de Ensino de Música
Centro de Educação - UFPE



Foi uma surpresa muito agradável ler o texto do Tavares de Almeida Bastos na primeira edição do Arte Senu. Conheci o Tavares ainda menino, num subúrbio de Olinda. Já adolescentes, participamos de um grupo jovem na Igreja católica. Foi a partir daí que tivemos os primeiros contatos com o mundo da política, com a reflexão sobre a vida, seus caminhos e descaminhos.

Corremos diversas vezes desesperados da polícia montada. Imaginem dois meninos de aproximadamente 10 anos de idade, distraídos no meio da rua, jogando bola de gude com seus colegas, que de repente são surpreendidos por um grupo de soldados montados à cavalo. Nestas aparições repentinas, muita gente ia presa sem razões que pudéssemos entender. Prendiam e batiam em todos. Prendiam os que conversavam na rua. Prendiam os que jogavam futebol e os que assistiam à pelada no campinho de terra. Talvez jogar bola fosse proibido, e assistir ao jogo também. Assim passamos pelos anos 70. Usamos sapatos cavalo de aço, calça boca sino e ouvimos Secos e Molhados.

Viver era preciso e naquele mundo o discurso nunca foi bem visto. Discursavam os políticos em tempo de eleição. Falavam suas promessas em qualquer esquina, até bebiam com os pescadores do local, uma cachacinha de cabeça. Bebiam, apertavam as mãos de todos, abraçavam, pegavam as crianças nos braços e finalmente desapareciam, como sempre fizeram e fazem até hoje, após as eleições. Contudo, pensávamos que já sabíamos alguma coisa e acreditávamos em alguns desses homens. Acreditávamos tanto que nos juntamos a outros jovens que também acreditavam num mundo melhor através de idéias e discursos "progressistas", "socialistas", "comunistas" e tantos outros mais discursos salvacionistas. O povo precisava ser "conscientizado", "tomar o poder", "fazer a reforma agrária", "acabar com o latifúndio", "valorizar a cultura" e blá, blá, blá, blá. Fomos às ruas empunhamos bandeiras e gritamos nossos gritos de guerra: "vai acabar, vai acabar, a ditadura militar", "um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil". Fomos aos comícios e ouvimos os discursos... Leonel Brizola, Lula, Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, Miguel Arraes. A esperança estava de volta. Assim sobrevivemos aos anos 80, cheios de esperanças e certezas que nos pareciam inabaláveis.

Após tantas tentativas, tantas eleições, chegamos ao poder maior do país. Parecia que um sonho havia se realizado. Tavares ainda acredita nisso. Acredita no discurso, nas palavras. Pensávamos que já sabíamos alguma coisa sobre eles, os homens das palavras

"progressistas"; "socialistas"... Fico pensando no que leva uma pessoa a acreditar em discursos sem práticas. Seria o velho medo de perder o poder? Se for, é por que o poder tornou-se mais importante que as idéias. Discurso de homens mortos, vazios, covardes.

Eles beberam nossa bebida, apertaram nossas mãos, nos abraçaram, pegaram nossas crianças nos braços, fizeram promessas e desapareceram, como sempre fizeram após as eleições.

